

LITERATURA E METALINGUAGEM: A BUSCA POR UMA DEFINIÇÃO LITERÁRIA NO CONTO O LIVRO DE AREIA, DE JORGE LUÍS BORGES

Genivan Silva Pereira¹, Clarice de Freitas Silva²

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada – UFPB/PROLING.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – UFRPE/SEDE
genivan2011@hotmail.com, clariceuf@gmail.com

Palavras-chave: Literatura. Metalinguagem. Metaficção. O Livro de Areia.

1 INTRODUÇÃO

Desde os primeiros estudos sobre arte e produções artísticas, busca-se delimitar e conceituar o que é literatura e qual sua função, uma vez que diversas produções literárias possuem variações semânticas significativas. Cada contexto sócio-histórico-literário apresenta um processo cultural que influencia o entendimento sobre a literatura. Segundo Amorim (2001), as funções e naturezas atribuídas à literatura variam conforme a realidade cultural e social de cada época.

A definição de literatura tem sido objeto de controvérsias, pois envolve a estética da palavra e suas funções comunicativas e suas relações com a cultura e a sociedade. Em cada período histórico, diferentes conceitos emergem para tentar definir o que torna um texto literário. No entanto, o que se observa é que a literatura se mantém aberta a novas interpretações e ressignificações, conforme mudam os contextos históricos e sociais.

O conto "O Livro de Areia" (1975/2001), de Jorge Luis Borges, oferece uma reflexão metalinguística sobre o conceito de literatura, comparando-a a uma entidade infinita e mutável. A obra utiliza a metáfora do livro infinito para sugerir que a literatura é um fenômeno que não possui limites precisos e que está em constante movimento, adaptando-se a novas concepções culturais e sociais. Dessa forma, o conto de Borges (1975/2001) se torna um objeto de estudo relevante para explorar as complexidades de se definir o que é literatura.

2 METODOLOGIA

Para analisar o conceito de literatura em "O Livro de Areia", utilizou-se uma abordagem qualitativa, centrada na análise literária e na teoria da metaficção e metalinguagem. Foram consideradas as contribuições de teóricos como Roland Barthes (1978), Antonio Candido (1989) e Vicente Alves Batista (2019). A pesquisa focou na interpretação de elementos do conto que remetem à reflexão sobre a construção e os sentidos da literatura, a partir de citações e trechos específicos.

A análise se apoiou em uma leitura detalhada do conto e em uma revisão crítica de conceitos teóricos relacionados à literatura, como a linguagem literária, a representação do real e a construção da narrativa. Assim, procurou-se identificar de que maneira a estrutura do conto e seus elementos metafóricos contribuem para uma discussão sobre a natureza da literatura e sua relação com o leitor.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Realização:

Borges (1975/2001) recorre à metalinguagem e à metaficção para refletir sobre o conceito de literatura. No conto, a metáfora da areia — algo sem princípio e fim, sempre em movimento — sugere que a literatura é uma entidade infinita e subjetiva, que se adapta a novas concepções culturais e sociais. A obra se caracteriza por um uso sutil da metalinguagem, com estruturas que remetem ao labirinto e à complexidade da leitura literária.

Como apontado por Barthes (1978), a literatura se apresenta como uma linguagem que permite novas realidades e significações. Ao não se submeter a regras fixas e normas rígidas, a literatura possui uma liberdade que a torna um espaço de invenção e recriação. A metáfora do livro infinito de Borges (1978/2001) reflete essa ideia, pois sugere que cada leitura revela algo novo, permitindo múltiplas interpretações. Dessa forma, a obra literária não é estática, mas dinâmica e viva, sempre aberta a novas interpretações.

Antonio Candido (1989) reforça que a literatura é uma transposição do real, uma estilização formal que cria uma nova ordem de representação. Esse conceito é refletido no conto de Borges (1978/2001), em que o narrador adquire um livro misterioso de um vendedor de Bíblia, um livro que é infinito e cujas páginas nunca se repetem. A metáfora do livro infinito ilustra a noção de que a literatura é um fenômeno em constante movimento e transformação, semelhante ao próprio processo de leitura e interpretação. Assim, a literatura, segundo Borges (1978/2001), rejeita modelos tradicionais, sendo aberta à interferência e interpretação do leitor.

O conto apresenta dois planos narrativos: um explícito, centrado no enredo do narrador que adquire um livro de um vendedor de Bíblia, e um implícito, que reflete sobre a construção da narrativa e a definição de literatura. A primeira narrativa, a mais óbvia, é a história do encontro do narrador com o livro misterioso, enquanto a segunda narrativa é construída por meio de metáforas e símbolos que sugerem reflexões mais profundas sobre a natureza da literatura.

A metáfora do livro infinito é uma forma de desafiar o conceito tradicional de literatura, sugerindo que não há uma definição única e estática. Assim como o livro que parece não ter começo nem fim, a literatura é sempre renovada e interpretada de maneiras diferentes, dependendo do leitor e do contexto. Essa noção desafia a hierarquia de uma leitura linear e ordenada, abrindo espaço para interpretações mais complexas e subjetivas.

Outro aspecto significativo na obra é como Borges (1978/2001) envolve o leitor na narrativa, transformando-o em um coautor. A leitura do conto se torna uma experiência interativa, na qual o leitor é convidado a preencher as lacunas e desvendar os mistérios do texto. Isso sugere uma visão de literatura como um processo dinâmico de construção de significados, no qual o texto literário se transforma a cada nova leitura e interpretação.

4 CONCLUSÕES

A análise de "O Livro de Areia" revela que Borges (1978/2001) utiliza a metalinguagem para construir uma noção de literatura que é mutável, infinita e subjetiva, contrariando definições fixas. O conto sugere que a literatura, como um "monstro" labiríntico, possibilita novas percepções da realidade e transforma o leitor em um coautor, moldando a narrativa a partir de suas experiências e interpretações. Portanto, definir literatura é um processo complexo e contínuo, que depende das percepções do leitor e do contexto sócio-histórico-cultural.

Assim, a literatura, segundo a perspectiva de Borges (1978/2001), se torna um espaço aberto e democrático, no qual as regras são constantemente questionadas e redefinidas. A obra "O Livro de Areia" exemplifica essa visão ao mostrar que a literatura, como a areia, está sempre se movendo, adaptando-se a novas ideias e interpretações. Dessa forma, Borges (1978/2001) nos convida a ver a literatura não como um conjunto de regras rígidas, mas como um espaço de liberdade criativa e de expressão infinita.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Vicente Alves. O MONSTRO LABIRÍNTICO DA LITERATURA: O LIVRO DE AREIA. **ZUNÁI - Revista de poesia & debates**. Disponível em: http://www.revistazunai.com/ensaios/vicente_alves_batista_borges.htm Acesso em: 20 de abr. de 2019.

BORGES, Jorge Luis (1975). **O livro de areia**; tradução Lígia Morrone Averbuck. São Paulo: Globo, 2001.

BARTHES, Roland. **Aula**. Trad. de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1978.

CANDIDO, Antonio. **Direitos humanos e literatura**. In.: FESTER, A. C. Ribeiro e outros. Direitos humanos e... . São Paulo: Brasiliense, 1989.